ANO 7.º—N.º 348. Guimarãis, 9 de Outubro de 1938. O JORNAL DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO NO CONCELHO. Número avulso 50 ctvs.

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERÊSSES DO CONCELHO ■ Agência em Lisboa — P. dos Restauradores, 13-3.º-D. — Telefone 27136.

Redacção e Administração: R. da República, 45-47. Telef. 34. Secção de expediente e arquivos: L. Conselheiro João Franco, 30. Composição e impressão: Tip. Minerva Vimaranense

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

5 DE OUTUBRO DE 1910

¡Tarefa difícil esta de comemorar, com alguma parcela de espírito crítico, um aniversário mais da revolução que trouxe a Portugal a implantação da República!

E' certo que sôbre o sucesso nem três decénios decorreram ainda, — sem embargo de que levou a morte, dando-se pressa, quási tôdas as figuras que foram proeminentes nêle —; mas tantas e tão profundas teem sido, na vida internacional, desde então, as mudanças políticas e sociais, e, como natural reflexo, é já tão diverso o mesmo panorama nacional, que antes parece eco apagado e distante e simples episódio registado apenas, e logo perdido, nos arquivos históricos portugueses, aquilo que foi, afinal, facto de relêvo, testemunhado por muitos dos que por aí vivem, hoje ainda, como podem ou sabem e que por terem, acaso, prendido ao desenrolar dos acontecimentos da época, uma actividade directa ou o mero interêsse, mais natural era guardassem do caso memória pronta e fiel.

A' discontinuïdade desconcertante nos sucessos políticos, às variações bruscas, ao entrechocar de ideologias batendo-se com fôrça, a ponto de desconjuntarem-se e ruírem instituïções e estruturas, a tudo isto que, se fôra visionável à data de 1910, parecia, quando muito, pezadêlo de noite mal dormida, deve-se que os espíritos se confundam agora, e percam os indivíduos, atordoados, essa mesma recordação do que se fêz, e já se esqueça cada qual, até, actos próprios que são da véspera... e, de-caminho, também, deveres e imperativos da consciência que são de sempre!

Eis o que torna difícil quaisquer referências comemorativas, como análise retrospectiva. Somos daquele tempo muitos, muitíssimos, é fora de dúvidas. Aos republicanos da minha geração, por exemplo, cujos sentimentos eu bem desejaria interpretar com justeza nesta conjuntura, homens à roda dos cinquüenta, a quem as vicissitudes da vida devem ter apurado o senso crítico, a noção das proporções e assim a capacidade para os confrontos oportunos, para êsses todos quero, do melhor grado, admitir que bem sabem localizar o «5 de Outubro» —, o acto revolucionário em si mesmo, como a propaganda intensíssima que lhe preparou a eclosão e a série de circunstâncias que asseguraram a vitória republicana —, e estão, por isso, prontos, hoje e sempre, a prestar justiça à iniciativa, ao vigor combativo, à devoção patriótica daqueles dos nossos maiores que ardorosamente prepararam o movimento e o venceram. Mas ¿que dizer das gerações que vieram depois: dos novos, em especial, a quem é de uso incitar — não discutamos aqui com que objectivos —, gritando-lhes que a sua hora é chegada e que a êles pertence governar os povos e conduzi-los, emfim, pelo caminho da salvação? ¿Que esfôrço será necessário aos jóvens portugueses de boa vontade, tão longe os colocam os acontecimentos hodiernos da vida nacional no começo do século, para que, compreendidas as diferenças e descontadas as distâncias, êles prestem, também, a mesma justiça aos republicanos de 1910?

E todavia, em nome de uma solidariedade que não distingue idades, nem escolas ideológicas no domínio do particular, porque a julgo enraïzada no substracto de princípios e directrizes morais a que é devida obediência perene, por parte da comunidade dos homens livres que verdadeiramente o sejam, há, nesta data, oportunidade excelente para recordarmos todos que os norteou sempre, aos propagandistas e precussores da República, com o respeito pela dignidade humana, o apêgo às liberdades públicas e à defesa de instituïções cujo funcionamento regular servisse, acima de tudo, para criar e fortalecer, em cada português, a consciência e a prática daqueles deveres e direitos que, de todos os tempos, fizeram do escravo, sob qualquer rótulo, um cidadão perfeito.

Importa, nesse dia, que as conseqüências de uma tal recordação sejam: primeiramente, a homenagem devida a êsses sepublicanos que passaram; e, depois, para os vivos em idade operante, a definição, feita em termos cada vez mais nítidos, do sentido das próprias responsabilidades.

Azevedo Gomes.

(Da «Seara Nova»).

Farpas

Concluindo

Do que aqui expusemos àcêrca do edifício que se destinava aos novos Paços do Concelho, demonstramos:

a) que, como afirmámos, escrevemos no *Ecos de Guimarãis*, em 1928, um artigo condenando a continuação dessa obra;

b) que não havia, nessa campanha, o intuito de, por questões meramente pessoais, combater o sr. Marques da Silva;

c) que houve apenas o propósito de *prevenir*, para se não ter, depois, de *remediar*.

O sr. antigo vereador afirma, na sua carta já citada, que o condenado edifício é 4 vezes maior que aquele onde actualmente está instalada a Câmara. Não nos parece que seja considerada suficiente a casa de Martins Sarmento e precisamos de ter em conta que o Tribunal bem necessita de capacidade sufieiente para os seus serviços e para a instalação dos cartórios e dos arquivos que lhe estão afectos.

Tendo de se optar pela demolição do que se encontra já construído, há que ponderar a necessidade de se escolher um novo local — mas êste definitivo —, para os Paços do Concelho, isto para que a Câmara de um concelho de primeira ordem não fique instalada em casa arrendada.

Não sei se é a única que se encontra em tais condições, mas, seja-o ou não, torna-se necessário um edifício próprio para a instalação das suas repartições e das demais repartições públicas agora existentes ou que possam vir a existir.

Elaborou-se um plano de novas obras a realizar. No relatório há tempos publicado não se faz qualquer referência ao edifício municipal. Mas não será possível estudar êste caso, com critério, para lhe dar a solução requerida?

Ter-se-ia, sem dúvida, depois de escolhido o novo local, de abrir novo concurso. Marques da Silva seria um dos concorrentes, certamente, e procurar-se-ia aproveitar, tanto quanto possível, a pedra já trabalhada, tornando, dêste modo, menos dispendiosa a nova obra.

Poderá ser assim?

Não é a nós que compete a solução do problema. O que escrevemos são apenas sugestões. A nova obra seria iniciada logo que a Câmara tivesse disponibilidades e garantido o subsídio do Estado. E isto para não termos de novo... *obras de Santa Engrácia.*

Mas se se optar pela conclusão do actual edifício, creiam que ficarei satisfeito se me fôr dado observar que eram injustificados os meus receios e que tinham razão os que defendiam a continuação das obras iniciadas.

Porque, acima de tudo, só desejo o engrandecimento e o progresso da minha terra.

São João das Caldas, 6 de Outubro de 1938. ***X. X.***

Críticas Pequeninas

Tem o nome de ESTUDOS a Revista do C. A. D. C. que há bons trinta anos honra a nossa Universidade Primacial.

O C. A. D. C. deu oportuno ensejo a que Fernando de Sousa repetisse a formosíssima conferência sôbre a *Harmonia da razão e da fé e o génio scientífico de Ampère*, depois de a haver apresentado na Academia das Sciências e na Associação dos Engenheiros Civis.

O artigo principal do último fascículo da excelente Revista é essa primorosa Conferência, a propósito do centenário da morte do Sábio mais que eminente.

Nemo estudou com tanto carinho a vida do grande Sábio que até se abalançou a visitar a Casa-Museu onde se admira o ambiente derradeiro dos seus múltiplos trabalhos.

Até as famosas distracções de Ampère entraram no profundo estudo com que *Nemo* elaborou a sua conferência.

Fernando de Sousa dá à classificação das Sciências de Ampére mais propriedade e melhor visão que a de Augusto Comte.

Organizar uma conferência tam completa e tam bem urdida é demonstrar exuberantemente a existência de octogenários que teimam em ser verdadeiramente moços.

G.

MUNIQUE

Dissiparam-se, alfim, as núvens que envolviam o Mundo num tétrico ambiente de terror e que presagiavam a temerosa catástrofe da guerra.

Após alguns dias de dolorosa incerteza e viva ansiedade, raiou, cariciosamente, o sol benfazejo e apetecido da Paz.

Desapareceu, ao menos por agora, o espectro negro que apavorou os povos com a ameaça eminente de uma grande hecatombe, maior, talvez, que a de 1914.

Munique constitue a vitória da Alemanha, vitória obtida diplomàticamente, sem dispêndio de uma vida e sem o troar do canhão. E os checos, desamparados, tiveram de ceder perante a vontade dos chefes das quatro maiores potências europeias.

Oxalá que a Paz, agora estabelecida sôbre os 8 pontos de Munique, seja duradoira e tenda ao bem estar e progresso da humanidade.

Uma visita à Cidade

XV

Comentários

Porque suponho que os meus leitores já devem estar cheios de me aturar, venho dar-lhes a boa notícia de que termina com esta vez — a décima quinta — esta secção. Não é porque se tenha esgotado o assunto sôbre o resultado das minhas impressões, mas sim porque acho bem aquêle conselho antigo que diz: «Nem tôdas as verdades se devem dizer». Ora, eu, que sou um amigo intransigente da verdade, resolvi, mais uma vez, estar de acôrdo com quem diz que nem tôdas as verdades se devem dizer, umas vezes porque há necessidade de ocultá-las por uma questão de prudência, outras vezes por falta de oportunidade e ainda outras porque há sempre um poder que mais alto se levanta. Qualquer destas circunstâncias tem a sua justificação, o que não sucede quando qualquer verdade não se diz por cobardia. No meu caso, há simplesmente o receio de me tornar impertinente, motivo que é acrescido, nesta ocasião, da prudência que me aconselha a minha consciência. O que escrevi nesta secção relativamente às minhas impressões da demorada visita que fiz à Cidade, impressões que não fôram totalmente agradáveis, mas que também não fôram totalmente desagradáveis, o que escrevi — dizia eu — obedeceu apenas a um critério de justiça e de acertada vontade, quando me propuz transmitir aos leitores do «Notícias de Guimarãis» o que dessa visita me agradou e, bem assim, o que me desagradou. E se de tudo aquilo que me agradou alguma coisa ficasse sem referência — o que até por falta de memória se poderia ter dado — também do que me desagradou alguma coisa ficou, porque mais vale estar calado do que levar até junto de muitos estranhos notícias que não prestigiam ninguém. De resto, estou convencido de que Guimarãis há-de progredir e que o seu progresso há-de atingir os dois mais importantes factores da vida social, que são: O factor material e o factor moral. E' isso o que eu desejo saber e o que espero ver quando, em futuro próximo, faça outra visita ainda mais completa do que aquela de há pouco tempo. O futuro e o progresso de Guimarãis devem, pois, voltar a viver abraçados e não distanciados um do outro. Assim o desejo, do coração, e agradeço ao «Notícias» o bom acolhimento que me tem dado

1938 — Outubro, 6.

Zé da Aldeia.

ITINERÁRIOS

Ao Dr. Américo Durão.

VII

18) Entretanto, não era desocupada a vida de Marcelino. Já por seu temperamento, encarava muito a sério as obrigações pastorais. Aldeia pequena, mas farteirinha de povo: bastantes quintas, retalhadas em courelas, coisita de poucos alqueires para os fazedores, sarrapilhadas de cabanas, onde se acotinhavam homens de salário e de jorna, povo miserável. As crianças, em grande número, enfesadas de raquitismo. Agora vinha um, logo outro, aflito: que chegara lá a casa a ruim doença da morte. A princípio, custara-lhe imenso quando se aproximava dos catres imundos, onde, consumidos de febre, em tiritos de sede e de loucura, as falas desordenadas, entre rogos piedosos e blasfemos, os agonisantes contorsiam-se em dores, e suavam. O cheiro morno e fétido enjoava o a vómitos. Numa tontaria aparvalhada — mas como de fria impassibilidade — os da casa entravam, saíam para o trabalho, sem detença, cabisbaixos e alheios. A meio da confissão, ouvia a mulher a berrar da porta para o filho, lá no meio das terras, à conta do gado. Depois, vinha o sinal para dobrarem os sinos. Em caixões de palmo, táboa de pinho resinoso, os pequeninos, pálida sombra de uma brancura de cera, ossinhos magros, tinham uma serenidade de espanto, fixa e impressionante, na alvura dos vestidos, com fitas azuis e côr de rosa, a touca de renda na cabeça, levemente doirada de penugem, as mãositas roxas cruzadas ao peito. Todos os outros acorriam a ver o anjinho, estanciavam à volta, de olhos arregalados — fechava mal o caixão —, e desciam-no à terra negra. Na sacristia, na paga dos direitos, as mãos eram lentas, enferrujadas, duras. A tudo se preguntava a quantia do preço, em ronceira desconfiança, só mais àlerta, e às vezes, nos baptisados e nos casamentos.

Ao lançar a primeira bênção nupcial também a sua mão era nervosa e inquieta — e durante muitos anos se interessou pela nova família, opresso no receio de que se desaviessem escandalosamente ou a desventura os arrastasse ao patíbulo das ignomínias —, talvez pela sua incipiência desajeitada.

Ao exortá los aos deveres do estado, que iam contrair pelo sacramento do matrimónio, còrava indeciso, como no alucinamento de um jardim paradisíaco, maravilhoso e proíbido.

Procuravam-no com assédio, tanto para os casos incumbidos à sua jurisdição espiritual, ou relacionados com os deveres civis, então ainda afectos ao seu cargo, como para mil ninharias ou gravezas íntimas de cada um. Nas enfermidades, o médico — o mais próximo distava três léguas puxadas de mau caminho; advogado, nos pleitos — as rixas de vizinhos, a torna das águas, partilha de inventários, marcação de extremos, desavenças com os senhorios; juíz de paz, chamado a desviar da acção da justiça ordinária, severa e muito cara, os conflitos, já ensangüentados de ferimentos — ciúmes, vinho, jôgo; tutor, orientando a família no melhor destino ao bando da filharada; confidente, para levar a bom termo um noivado, malquisto pela birra da parentela, ou trazer ao lar o marido foragido em desatinos pecaminosos, senão a mulheraça endemoniada com o vício do corpo; correio para os ausentes, consôlo aos aflitos, braço de caridade. A aldeia, cortada na serra, tinha uma religião submissa, o ânimo confrangido — só em uma das extremas, de cujos fogos saíam, ainda noite, alguns operários de fabrica, o triste piedosismo se emancipava galreiro, um pouco mofador do catecismo, retardados à confissão, de cantiga desempenada no adro, entre as môças. Um pertencia à junta e queria-se confrade das quatro irmandades — para estender os seus discursos.

Marcelino, sentindo-se mingueiro daquela bonomia pachorrenta e virtude chan do antigo Cura da Aldeia —, modêlo muito querido à sua imaginação, de puríssimo cristianismo, evangelizador e confortador das almas, ia-se ajeitando brando e paciente. A ideia de um castigo ou de uma pêna, não lhe roçou sequer. Mas o seu retraïmento acentuára-se, seu maior desejo era espiritualizar-se até à dignidade do munus, que o exercício de seu mister se tornasse natural, o perfeito sacerdócio, e não como uma solicitação externa do rebanho pastoreado. Com as horas da reza, as visitas aos enfêrmos, os actos de misericórdia e caridade, a atenção ao despacho, o tempo escasseava-lhe estreitamente para estudos projectados, o municiamento da leitura, o agasalho da contemplação, o benefício da clausura. Na prática de seus actos de sacerdote — e devia-o ser em cada um — exigia-se preparação esmerada: reflectir bem, policiar as palavras, mesmo desprendidas em incidental conversa, o modo de olhar, os seus passos. A homilia, aos domingos, torturava-o como verdadeiro suplício: não desmerecer ao interpretá-lo o verbo sublime e dá-lo como «o pão dos pobres partido em pequenino para os pepueninos da casa de Deus». Tornára-se áspero, inclemente comsigo. Surpreendia-se a rever a folhagem duma árvore, a sorrir a um gracejo, a sorver mais deleitado a colher da sôpa, a deixar correr ameno o dia ensolhado — e ralhava-se. E sem qualquer sombra de impostura, ou fanatismo. Na luta arcada com a natureza, e que nem a si confessava, ascetizar-se era a primeira condição da peleja, vencer dentro do corpo, assegurando pela vontade, feita arma do instinto, que ao instinto desarma, o domínio da pureza absoluta. Era novo — e o tomar da vida a alegria de viver, abrir a janela satisfeito à claridade do sol, prender-se na suavidade da côr ou da harmonia, seduzir-se pela graça da forma, seria partilhar de cumplicidade, mesmo que o pensamento não houvesse, com um prazer de beleza e delícia, formalmente vedado. E tinha medo do resvalar, em desleixosa inconsciência, ao perigo sem remédio e que, por mais oculto na sua alma, o faria um criminoso — do crime abjecto da

mentira. Assim se apegava à tristeza, como se fôra a um mestre, e a procurava infiltrar nas veias, para arrefecer o sangue, erguê-la como véu de penumbra a toldar a vista. Ao fim da tarde, enquanto a sombra do crepúsculo os não chamava à ceia, abria a *Vida do Arcebispo*, e recitava vagarosamente à irmã alguns trechos. Maria Teresa apaixonara se por aquela prosa, lenta e torturada, em cujo ritmo soluçante, a-mêdo perpassa, em névoa sútil, um desmaio de saudade:

«He situada a casa em lugar eminente, e no mais alto della tem huma pequena varanda, que por huma parte descobre ao longe serras e montes que se vão ás nuvens, por outra, varzeas e campos estendidos. A esta se subia, e nella fazia sua morada a mór parte do dia, apacentava os olhos na variedade daquella prespectiva, e de tudo o que aparecia tomava motivos de apregoar louvores do Criador, e convidar a elles todas as criaturas. Outras vezes enlevado na saudade que fazem as montanhas e serranias vistas ao longe, que parece se juntão com as estrellas, e levão traz si o espirito, tinha com os montes devotos colloquios como abrazando-se em ansias de sobir com elles: logo voava com os pensamentos ao mais alto do Ceo..... Assim desabafava, e ficando como desmayado e arrebatado em alta comtemplação, gozava neste posto de grandes consolaçoens do espirito. Mas estas consolaçoens, e os sentimentos que cada hora alcançava do Ceo, lhe hião criando hum grande aborrecimento da vida, e amor abrazado da eternidade».

A sombra vinha crescendo, martelava horas um velho relógio caseiro, tinha de interromper-se a leitura para Teresa, muitas vezes, ir à sineira tocar a trindades. Então Marcelino, erguia-se para resar; depois seus olhos buscavam a linha da serra, que fazia de muralha ao presbitério, como pequena cela de destêrro, agora mais ainda humildado na penumbra, e o mesmo fervoroso desejo o embebia de vencer na vida as «prizoens da carne». A mão nervosa de Maria Teresa fazia vibrar em cada badalada, lenta e grave, uma funda plangência evocativa, som piedoso e enternecido, que se desprende da terra na contorsão e leveza do fumo e ao longe se quebra no arvoredo dos soutos e por entre as fragas solitárias, como voz cansada de sobressalto a chamar ao agasalho do coração — agonia da luz nos braços da morte — os ausentes queridos, os incertos peregrinos, os mansos pastores, e as almas transviadas. Depois, ela estendia sôbre a mesa a toalha grossa de linho, colocava o candieiro, e trazia da cozinha, as duas malgas de caldo. O Padre resava, primeiro, como davam graças no fim, e a ceia começava, ordinàriamente vagarosa e triste, no silêncio apenas estridulado pelos ralos.

(Continua).

Eduardo d'Almeida.

Vária

Sois meu nojo e meu prazer,
meu pesar e minha glória,
meu desejo e meu querer,
vela de minha memória,
descanso de meu viver;
desamor de meu amor
quem meu bem e mal ordena,
meu prazer e minha dor,
meu descanso, minha pena,
meu favor e desfavor;

Minha morte e minha vida,
meu bem e todo o meu mal,
minha doença, e ferida
de minha chaga mortal;
meu desejo e saüdade,
de meus males galardão,
tormento sem piedade,
doce coita da vontade
de meu triste coração.

Duarte de Brito.

*

Cuando os viéredes perdida,
Os perdereis por querer,
Sentireis que es padecer
Querer y no ser querida:
Direis com dolor, señora,
cada hora:
Quien tuviera, ay sin ventura,
O agora aquela hermosura
O entonces el amor de hora!

Fray Luis de Léon.

*

Ingenuidade — Quem é o cavalheiro?

Trambulhão — O portuguesinho genuino.

Ingenuidade — E qual é o seu ideal?

Trambulhão — ... ver dar um trambulhão.

Ah! que nada há que me divirta mais, que me saiba tão bem, como ver dar um trambulhão! Fica uma pessoa satisfeita, com o papinho cheio. Uma mulher, que todos dizem que se porta muito bem, honesta, virtuosa, um belo dia escorrega-lhe um pé e zás! trambulha! Ai, que bom! E' para que saiba. Parece que até saltam os olhos a uma pessoa! Um politico sobe, trepa, chega ao mais a que pode chegar, mas quando menos espera, lá surge uma casca de laranja e estatela-se ao comprido. Caramba, que é de encher as medidas! Um patife, que trabalha como um mouro, compra, vende, mete-se em mil negócios, arrisca e ganha, ganha sempre e enriquece, de repente apanha vento pela prôa e bumba! Trambulhão rial! Que pandega! — Uma peça que cai, um ministério que vai a terra, uma reputação que desaba, uma família que se desmorona, uma emprêsa que não se aguenta... Ai que rico!

— E tudo isto me dá prazer, sabe porquê? Porque sou um sentimental. Não imagina como me comove, como me enternece, dizer depois: — «Coitadito! Coitadita!» Mas olhe que nos primeiros momentos a satisfação que sinto cá por dentro não se pode descrever. O tipo, ou tipa, ali esparralhados com as ventas no sedeiro e tôda a gente a rir, a rir, a rir...

(Auto da Barriga).

E. Schwalbac Lucci.

*

As proezas dos vampiros ou sugadores de sangue humano foi tema muito explorado em novelas e mais literatura de arripia-cabelos. A cena, às vezes, era desta extrema simplicidade:

«Kristus picou o colo do menino (adormecido por efeito do narcótico) com uma lanceta; Luís sorriu; uma gota vermelha de sangue lhe apareceu na alva cutis; a dama, com os olhos dilatados, aplicou com avidez os lábios à leve ferida. ... A dama absorvia deleitosamente. Luísinho sorria-se como um anjo.

— Basta, já, senhora — disse-lhe Kristus.

— Tam cêdo! — exclamou a dama, lambendo os lábios ensanguentados.

— O sangue vai afluir às extremidades...

— Recuperarei a saúde?

— Sim.»

A cena é do Conto *Kristus Dendaria*, do espanhol *Goiqueta*, mas vulgar, como notamos, e até o distinto escritor *Teixeira Gomes* a aproveitou para uma das magníficas páginas da *Gente Singular*, se não estamos em êrro (na impossibilidade de o verificarmos, neste ensejo).

Pois bem. A tétrica ideia anda, agora, muito em curso e na moda, é claro que sob nova técnica, alçapremada à prática médica, mas enfim, para resultados equivalentes ao do trecho acima apontado: é o que se chama, em linguagem moderna, a *transfusão de sangue*.

*

Melhor é padecer por dizer a verdade, que receber mercês por lisonjas.

Santo Agostinho.

*

São profundas as causas que fazem do mundo agrícola uma raça perfeitamente distinta.

O lavrador, pode dizer-se, é o único trabalhador que está em relação directa com Deus. A terra, o vento, as nuvens, o sol são as correias de transmissão da sua oficina. Sempre dominado pelas estações, procura colher-lhes o fruto, como procura harmonizar-se com a natureza, dando a sua lenta sabedoria, o seu tranqüilo bom senso, o seu pautado equilíbrio.

Sujeito aos caprichos do acaso, não experimenta, a-pesar-do seu labor, a monotonia dos dias e dos anos perfeitamente iguais: e assim escapa à *serie*, à *estandardização* que tudo hoje parece nivelar. Os próprios caprichos do acaso explicam o seu sentido de economia, justificam muitas vezes a sua avareza. Um centavo, quantos mêses do agrícola não representa! Desde a colheita bem encaminhada e que um vendaval destroi até à doença do gado, sem falar dos miudos precalços, todos os dramas do campo revolvem o destino do lavrador e do seu lar. Senhor da terra, é o escravo da terra. E, ao mesmo tempo, o amo e o servo dos quatro elementos. Eis porque, herdadas de pais a filhos, suas qualidades e defeitos, formaram dos agricultores, verdadeira casta, uma espécie de aristocracia, paralela à da nobreza antiga, mais forte que a nobreza antiga, pois as suas condições de existência não mudaram.

E' como a raiz da árvore. Espontai-lhe, cortai-lhe as ramas, serrai a árvore — as raizes guardam no solo o seu lugar. E porque o mundo não pode dispensar a lavoura e a pastorícia, esta fôrça surda, o lavrador, tem a garantia de não desaparecer, única aristocracia indestrutível.

Lucie Delarue — Madrus.

Corporativismo

Há pessoas que se não adaptam à época em que vivemos. Umas, antiqüadas, presas à rotina, conservadoras, querem que se viva e proceda hoje como se vivia e procedia nos séculos passados. Outras, julgando-se já nos séculos que hão-de vir, querem que se viva e proceda agora como as suas fantasias futuristas indicam ou os seus interêsses de momento lhes aconselham, tornando cega e sem sensibilidade a consciência para não ver nem perceber as sérias conseqüências que teem fatalmente de resultar das suas impraticáveis e prejudiciais doutrinas.

E sempre com o único fim de obter lugares rendosos, situações elevadas, satisfazer vaidades e ambições, há também quem, ou se manifesta ao lado de quem governa com o mesmo espalhafato e entusiasmo, prègando hoje o contrário do que prègou ontem e prègará amanhã, ou procura ser considerado perigoso e como tal temido, certo de assim obter dinheiro e boas situações.

O Semanário de Lisboa — «A VERDADE» — de 23-4-938, guerreia, com razão, os primeiros que trata por conservadores não fazendo aos outros qualquer referência, certamente, por lhes não querer dar essa importância.

Um homem bem formado, deve detestar todos estes sistemas e modos de ser. Deve apoiar tudo quanto se fizer com justiça, utilidade e seriedade, (e êste Estado Novo já muito fêz nesse sentido), não deve manifestar o menor interêsse ou entusiasmo pelos erros e injustiças que se cometem (e, infelizmente, muitas se têm praticado) não se deve prestar a ridículas bajulações embora saiba que tôdas as manifestações de caracter servem ùnicamente para causar desgostos e prejuízos.

A' falta de educação, de caracter e de consciência, se devem quási todos os males que incomodam o rico, o remediado, o pobre e o País.

Cada qual cumpre as leis e deveres conforme lhe indica o seu interêsse ou o mêdo.

A Grande Guerra não só revolveu as diversas camadas da terra tirando-as dos seus primitivos lugares como também deu motivo a grandes modificações, nas fortunas pessoais, aparecendo com riqueza quem pouco ou nada tinha e a viver com dificuldades e até na miseria muitos dos que eram ricos.

Os antigos ricos e proprietários, eram, na sua grande maioria, os conservadores. Hoje, muitos dêstes, estão sem os seus prédios, com falta de recursos, vivendo em prédios arrendados.

Os mesmos, como senhorios, berraram, e geralmente com razão, contra os abusos cometidos pelos caseiros ao abrigo da lei do inquilinato. Hoje, como caseiros, dessa mesma lei se aproveitam para proceder como procederam os outros por êles criticados.

O patrão, olhando, ùnicamente, para o seu interêsse imediato e sem dar valor a qualquer outra coisa, procura tirar do operário o maior rendimento pelo menor preço, considerando-o como uma máquina. Não se preocupa com a sua educação moral, profisslonal, cívica e instrutiva, com a maneira como cumpre os seus deveres para com a família e na sociedade procurando assim fazer uma certa selecção útil no futuro, não lhes cria espontâneamente e por espírito de grandeza de vistas e de coração, caixas de socorros e bons seguros para poderem ter reformas conforme os anos de idade e de trabalho, e serem amparados na invalidez, nas suas doenças, nas suas situações aflitivas, não lhes dá assistência médica, nem habitação, nem protecção às crianças e mulheres, não tem em vista, ao segurar quem os serve, defender os segurados dos males que podem resultar de qualquer contra tempo na vida, procurando, ùnicamente, ficar sem responsabilidade nos desastres que se possam dar.

O operário, por falta de orientação e de educação, nada reconhece, com nada se satisfaz, quanto mais recebe mais exije, só pensa em pedir aumentos de salário e redução nas horas de trabalho, gasta, geralmente, êsses seus salários, grandes ou pequenos, com ou sem aumentos, durante a tarde e noite em que os tiver recebido, em vinho e ao jôgo na taberna que freqüenta deixando em casa a mulher e os filhos a morrer de fome e sem nada lucrarem com êsses aumentos. E as tabernas, êsses centros onde os vícios e o mal se cultivam, podem estar abertas até altas horas da noite mesmo nos dias feriados ou santificados ao passo que outros estabelecimentos importantes e que fazem falta, não abrem aos domingos e fecham nos outros dias às 18 ou 19 horas.

E esta falta de educação e de consciência que prejudica o proprietário, o caseiro, o industrial e o operário, produz o mesmo efeito no negociante, no caixeiro, no mendigo, em tôda a gente afinal.

Qual será o motivo porque tem sido menor a *importação* dos nossos vinhos? Porque o negociante, com o fim de obter, no momento, excessivos lucros, não teve a menor repugnância em transformar um produto puro, bom e agradável, numa porca falsificação que desagradou.

Muitas doenças e mortes se devem às falsificações dos géneros alimentícios e até, durante a guerra, com medicamentos falsificados, se mataram e arruinaram muitos dos que em Africa, pela Pátria se batiam.

E êstes criminosos vivem sem castigo, são recebidos em tôda a parte e exercem todos os cargos, tornando péssima a sociedade que os tolera e deixando má impressão às pessoas que, como governantes, os não puniram.

E' claro que, no meio de tanta malvadez, de tanta estupidez, de tanta falta de critério e de consciência, há sempre nas diversas classes quem se notabilise pela correcção, seriedade, honestidade e bom critério.

Mas, infelizmente, a maioria está da outra banda e é essa maioria que geralmente vence.

Diz-se que nada custa ser honrado ou valente quando há rendimentos a mais e se está longe dos perigos. Nos momentos de necessidade e dos perigos é que se podem conhecer bem as pessoas.

E se há algumas, que através de tudo, se mantêem firmes no cumprimento dos seus deveres, há outras que, em tôdas as circunstâncias, manifestam a sua desonestidade e cobardia.

Em face do que se expôs, da falta de educação em tôdas as classes, de ninguém se dispôr, geralmente, a cumprir as leis e os deveres, de quási toda a gente só pensar nos seus interesses imediatos sem se interessar pelos gerais, de se conhecerem os êrros apontados e que tantos prejuízos causam na sociedade, é que temos de defender o estado corporativo mas deforma a abranger, simultâneamente, todos, os organismos, visto a prática ter mostrado claramente os inconvenientes das organizações parciais, Assim, apenas se organizou o grémio dos armazenistas de vinhos e não pensaram os viticultores em proceder da mesma forma, em se unirem.

Ficaram, portanto, os armazenistas de vinhos a ser no Pôrto e Lisboa, os únicos intermediários entre o produtor e o consumidor ou retalhista e, conseqüentemente, a poderem estabelecer livremente, para compra e venda, os preços indicados pelos seus interesses, ou seja comprar barato ao viticultor e vender caro ao consumidor, prejudicando os dois.

Além disto, êste privilégio, impossibilita o consumidor ou retalhista de adquirir directamente das adegas do produtor os vinhos regionais de que gosta, sendo obrigado a comprar ao armazenista um vinho comercial que êle obtém para mistura dos de muitas regiões (das dos verdes e dos maduros) com as características que a lei determina para os verdes o que se consegue com facilidade, natural ou artificialmente, mas com um paladar diferente daquêle típico de algumas regiões e que tinha os seus admiradores e apreciadores.

E nada disto sucederia se a lavoira se organizasse.

O mesmo se dará com a indústria se o industrial não quiser compreender o perigo que o ameaça, e que tanta vez se lhe tem mostrado.

O operário sindicalizado, representa uma fôrça organizada e legal a qual, sendo manejada por êsse grande número de pessoas sem orientação nem cultura, fatalmente produzirá no futuro os mais graves prejuízos na indústria, no industrial e até no próprio operário que, como nada mais vê de que o aumento de salário e a redução de horas de trabalho, procura, com as suas inconvenientes e inconscientes exigências, abrir as portas à indústria estrangeira ou seja fechá-las à nossa, ficar sem trabalho e, conseqüentemente, sem salário e na miséria.

O armazenista, sendo intermediário entre o produtor e o consumidor, aproveita-se com habilidade da falta de fôrça do industrial isolado e das dificuldades que apoquentam alguns, para comprar os produtos por preços, muita vez, inferiores ao do custo, estabelecendo assim uma confusão que dá motivo a baixas arruinosas para a indústria e sem interêsse para o consumidor que compra caro.

Nada disto sucederia se houvesse uma organização geral. Cada qual teria os seus direitos e deveres. O estado, embora cada qual conservasse a sua completa independência, exerceria, a sua fiscalizacão para que as leis e deveres se cumprissem, seria fácil produzir-se apenas o que tivesse consumo por meio de um acôrdo entre os interessados.

E os governantes, conhecedores da situação da indústria nacional, defendê-la-iam da concorrência estrangeira.

Haveria armazéns reguladores que adquiririam todos os produtos vendáveis por preços remuneradores. Poderia haver créditos industriais e comerciais que evitassem muita dificuldade. O armazenista adquiriria os produtos dos armazéns reguladores por preços que lhe permitissem lucros lícitos. O operário teria o que lhe fôsse devido, com justiça, em salário e protecção. Enfim, cada qual cumpriria o seu dever, receberia o que, com justiça, devia receber, as leis seriam amoldadas ao meio e temperamento das pessoas que as tivessem de cumprir, acabariam as especulações torpes, entrar-se-ia num equilíbrio apreciável, a boa administração e competência teriam as devidas recompensas, desapareceriam os que, por incompetência ou por má administração, não podessem prosperar; e, dêste conjunto de factos, resultaria fatalmente o bem geral. E tudo isto que tem de ser, de começo, altamente guerreado, se faria, dentro de alguns tempos sem dificuldades e até naturalmente, por que os velhos viciosos e com defeitos, desapareceriam e os novos, desconhecedores dêstes erros passados e educados de começo de outra maneira, cumpririam naturalmente os seus deveres dispensando-se qualquer fiscalização. Vencida esta resistência actual que tem de ser enorme porque a educação e hábito eram péssimos, os interêsses pouco regulares não poderão ter vida se se seguir uma sã orientação.

O perigo, o verdadeiro perigo que mete mêdo mesmo àqueles que defendem estes princípios, está na escolha dos governos e nos seus delegados junto dos diversos organismos.

Os governos e os seus delegados precisam de reünir um conjunto de qualidades superiores, uma extraordinária inteligência, competência, saber e tacto para, com honestidade, pulso firme, absoluta independência, serem justos e criteriosos, serem uns bons juízes mas dêstes que possam usar com orgulho êste nome.

Se nos seus lugares, praticam erros, injustiças, se, por conveniência própria ou favoritismo, se desviam da linha de conduta que devem manter sempre, produzem graves desiquilíbrios nos organismos em que servem e as mais sérias complicações.

Será fácil qualquer govêrno libertar-se das influências políticas e governar e nomear para seus representantes pessoas que possam satisfazer os interêsses gerais?

Não é fácil responder.

A. C. M.

50 Anos de uma Profissão

Não há melhor brazão que o trabalho.

Devemos-lhe, todos nós, vimaranenses, a maior veneração e o mais forte orgulho, ao trazer à lembrança a certeza de que tôdas as gerações o ostentaram com ufania e alvorotado desejo de apresentar uma heráldica — a nobiliarquia das mãos calosas e do rosto tressuado.

Com a honesta herança da virtude, veio dos avós aos netos a do labor insano que não se perdeu em cata de oiro ou no opróbio vergonhoso.

António de Castro Martins

Ainda mesmo nas eras de magnificente glória, os artífices do burgo de Guimarãis gozaram-na sem exteriorizações gritantes e, podendo afugentar tentações ruins, haviam-se como honrados em abastecer-se com as migalhas à custa do seu exclusivo esfôrço e não porque aparassem as vitualhas deixadas nas mesas dos banquetes.

E nós os vemos nascer e morrer, sempre apegados ao fruto que podem tirar do seu trabalho, limpos de mãos e de consciência.

Vem uma e outra época, misérrima ou regalona, e sempre a imagem vigorosa do brazão a fortificar essa felicidade de canseiras e labutas, embora, por vezes, golpeada de saüdades e descosida por estorvos.

Assim dizendo, entendeu o «Notícias de Guimarãis» não deixar passar em claro o aniversário de um honrado operário que conta ja 50 anos de uma profissão.

Nascido na antiga rua de Santa Luzia, hoje denominada rua de Francisco Agra, aos 9 dias do mês de Outubro de 1875, de tenra idade começou de freqüentar uma tipografia existente naquela mesma rua e onde era impresso um jornal chamado «28 de Novembro».

Tendo caído em graça no seio dos tipógrafos, que eram Manuel Saraiva e Ernesto, o *Espanhol*, faltava na escola para ali se tornar prestadio e receber, em recompensa dos recados feitos, letras de chumbo que não eram já utilizadas.

Um dia, uma senhora reparou na atracção do garoto para aquêle estabelecimento, e, porque se considerava muito amiga da tia e madrinha do sr. António Caldas, preguntou-lhe se desejava seguir aquêle modo de vida. O rapaz ficou indeciso, e só depois de lhe ter sido explicado que era para lidar com as letras, é que anuiu, tomado de alegria e contentamento.

Tendo entrado ao serviço para a «Tipografia Silva Caldas», bem depressa sentiu o arrependimento do seu novo estado ao vêr-se maltratado por um tipógrafo em quem não existia pontinha de coração.

Pediu, então, aos sues pais, que lhe dessem outro emprêgo, escolhendo o ofício de tecelão. Ao jeito do tempo, para o aprender viu-se na contingência de pagar 2 libras em oiro, uma à entrada e outra quando passou para o «sarjão» (4 marchas). Porém, dado o trabalho pesado que êste mister representava (pois a verdura dos anos não agüentava o «dar goma» e secar à caruma incandescente o tecido fabricado — pelo muito prejuízo que esta última operação, no geral, trazia aos próprios tecelões), deliberou abandonar o ofício e voltar à primeira profissão, no seu rosto ressumbrando sentimentos de tristeza por não ter sabido continuar no trabalho que era tôda a sua paixão. Ofereceu-se, embora com rudimentares conhecimentos, ao sr. José da Silva Carvalho (Guize), também proprietário de uma tipografia, que o aproveitou como impressor. Dedicando-se de boamente à especialidade para que o conduziram, dentro de breve tempo não lhe faltariam ofertas. O sr. Florêncio Leite Lage, dono da «Minerva Vimaranense», começou de induzi-lo para a sua casa, e feita a aquiescência, ali se conservou muitos anos da sua vida, conhecendo vários patrões: João Pereira Mendes, José da Silva Carvalho e a firma Ernesto & Silva, de que eram sócios Ernesto da Silva e Germano da Silva. Mais tempo decorrido, teve ingresso na Tipografia do sr. Abílio Coutinho, que publicava o jornal «O Progressista», exercendo os cargos de compositor e impressor. Outras oficinas conheceu dêste ramo de indústria, colocando-se definitivamente na *Minerva*, antes ainda de ser seu proprietário o nosso bom amigo e conceituado mestre da arte, o sr. António Luís da Silva Dantas que, a-pesar de não ser de Guimarãis, muito tem honrado a nossa terra com os belos trabalhos saídos das suas oficinas.

António de Castro Martins, seu compadre e dedicado cooperador — e é dêste modesto operário que nos ocupamos no dia de hoje —, trabalha com êle há 35 anos, sabendo-o de uma dedicação estremosa para o seu proficiente «chefe» e um zêlo sem comparação para todos os trabalhos em que tenha de intervir como impressor.

Dentro do concelho, é dos poucos que conseguiu vêr premiado o seu esfôrço e aturado labor, recebendo das mãos de um ministro a comenda de Cavaleiro da Ordem de Mérito Industrial.

No dia do seu aniversário natalício, o «Notícias de Guimarãis» presta-lhe esta merecida homenagem, pedindo vénia por êste agravo feito à simplicidade que exorna o seu carácter retemperado no dever e no amor da Família.

Horário do Liceu

O semanário local *O Comércio de Guimarães*, em seu último número, chama a atenção do sr. Reitor do Liceu de Guimarãis para a conveniência, aliás unânimamente reconhecida — pois ainda não ouvimos voz em contrário — de começarem as aulas no Liceu um pouco mais tarde, do que no ano findo, ou seja, como é permitido por circular ainda recente, às 8 1|2 e não às 8 da manhã. Muito claramente nos associamos à reclamação dessa medida, cujo alcance é bem visível. O Liceu de Guimarãis aproveita — ou deve aproveitar — a vários núcleos de população dispersos pelo concelho e que já assumiram certa importância pelo seu desenvolvimento industrial, comercial ou agrícola, como sejam as Caldas de Vizela e Taipas, S. Torcato, Corredoura, Pevidém, Gondar, etc. A distância a que ficam estas povoações da séde do concelho, os horários das comunicações ou a sua falta aconselham a adopção imediata daquela benéfica medida, pois, doutra forma, a muitos estudantes se torna violentíssimo, senão muitas vezes impossível, a comparência às aulas. Estamos mesmo convencidos de que foi a hora matinal em excesso, do horário do último ano, que influiu no declínio da população escolar. Uma criança daquelas povoações tem de levantar-se, durante o rigoroso e áspero inverno desta região, das cinco para as seis horas da manhã. Em sua idade e com o dispêndio a que sujeita o organismo a freqüência escolar, é condená-la à tuberculose ou a um prematuro esgotamento das melhores energias vitais. Assim no-lo afirma quem tem competência e autoridade para o fazer, acrescentando que até mesmo, dado o clima de Guimarãis, nevoento e frio, a saúde das crianças da cidade reclama e exige essa medida. Já ano passado, o *Noticias de Guimarãis*, versou largamente o caso, aduzindo razões de ordem pedagógica e de higiene. Ninguém as contestou, antes todos as receberam como ponderosas — mas foi debalde. Oxalá êste ano o mesmo não suceda. Vai nisso o interêsse de muitas famílias.

Automóvel FORD

VENDE-SE, de quatro cilindros, fechado, com transformação e farolagem MARSHALL, em perfeito estado de conservação e muito próprio para viagem comercial.

Nesta Redacção se informa. (156)

AMA DO PRIMEIRO LEITE

Contando 18 anos e saüdável.
Oferece-se.
Falar nesta redacção.

da cidade

Diversas Notícias

Câmara Municipal

A Câmara resolveu: encarregar Gaspar Pinto Carreira, da Rua de Donãis, de executar 2 portas articuladas para a vedação dos torreões da Praça do Mercado, na importância de 550$00; adquirir à Corporação Mercantil Portuguesa representada pela firma Amadeu C. Penafort, Ltd.ª, 400 metros de tubo Luzalite, tipo O de 80 milímetros e respectivas juntas giboult para a canalisação de água da Penha destinada ao abastecimento da Cidade.

*

Em sua sessão de 7 de Outubro deliberou, também, aprovar a tabela de preços de carnes verdes que lhe foi apresentada pela Comissão Organizadora do Grémio respectivo, a qual o nosso jornal publica hoje em outro lugar e que começará a vigorar a partir da próxima terça-feira, dia 11 do corrente. Esta tabela será afixada em cada talho, em lugar bem visível; adquirir uma bandeira Nacional para o edifício da P. S. P. desta cidade, com as dimensões de 2 x 1,50; autorizar diversos pagamentos, tendo também deferido diversos requerimentos.

Incêndio

No penúltimo sábado, ao fim da tarde, manifestou-se um incêndio numa casa cabaneira no lugar da Valinha, freguesia de Polvoreira, pertencente ao sr. Alexandre Neves e habitada por José de Macêdo.

Os prejuízos que estão cobertos pelo seguro foram avaliado em cêrca de 600$00.

Compareceram imediatamente os Bombeiros Voluntários, desta cidade, que prestaram bons serviços.

Missão Estética de Férias

Por motivo da sua retirada, apresentaram-nos os seus cumprimentos de despedida, os srs. Drs. Aarão de Lacerda e Alberto de Sousa.

Salários mínimos

O Sindicato Nacional dos Operários da Indústria Textil do Distrito de Braga, com séde nesta cidade, fez expedir os seguintes telegramas:

Presidente Conselho Ministros
— Lisboa

Sindicato Nacional Operários Indústria Textil Distrito Braga Séde Guimarãis comunica Vossa Excelência Associação Industrial Porto na ilegítima defesa Industriais teimosos não cumprimento salários mínimos reüniu com fim obstar entrada vigor novos despachos sua Excelência Sub-Secretário Corporações destinados garantir cumprimento sério salário fixados há dois anos êste Sindicato pede Vossa Excelência ordene imediata publicação Diário Govêrno medidas anunciadas imprensa diária evitar mais tempo abusos habilidades industriais algodão com fim iludir fiscalização próprios operários. (a) *Manuel Oliveira*, Presidente Direcção.

Sub-Secretário Estado Corporações — Lisboa

Sindicato Nacional Operários Indústria Textil Distrito Braga protesta perante Vossa Excelência contra reünião efectuada Associação Industrial Pôrto destinada entravar todos esforços por Vossa Excelência Empregados cumprimento eficaz salários mínimos protecção operários. (a) *Manuel Oliveira*, Presidente Direcção.

Legião Portuguesa

Com o pedido de publicação recebemos o seguinte:

Torna-se público, que a mobília, do sorteio que esta Legião Portuguesa promoveu a favor do seu aquartelamento e Acção Social, saiu no número 2570, vendido à Fábrica de Acabamento da Vitória, Ltd.ª, Rua António Granjo 242, Pôrto.

Para lhe ser entregue o prémio, basta dirigir-se ao quartel desta Delegação, em qualquer dia útil, das 10 às 12 e das 13,30 às 19,30, acompanhado do bilhete premiado.

Quartel em Guimarãis, 6 de Outubro de 1938.

O Delegado Concelhio,

Manuel J. R. da Cruz.
(Tenente)

Cemitério Municipal

Movimento de enterramentos no mês de Setembro:

Adultos, sexo masculino, 2; idem, sexo feminino, 13. Adolescentes, sexo masculino, 11; idem, sexo feminino, 14. Total, 40.

Comunicam-nos que o horário que vigorará durante o inverno, é o seguinte: abertura às 8 horas e encerramento às 17.

Pedem-nos para recomendar-mos a tôdas as pessoas possuídoras de mausuléus, jazigos e sepulturas, a conveniência de mandarem proceder ao seu arranjo o mais breve possível, visto aproximar-se o dia 1 de Novembro em que é costume realizar-se a romagem ao Cemitério.

Vida Católica

Com muito brilho, festejou-se na terça-feira, no templo da V. O. T. de S. Francisco o Patriarca d'Assis, tendo havido missa cantada de manhã e, à tarde, sermão, bênção do SS.mo Sacramento etc. Foram também distribuídas 250 borôas de pão a igual número de pobres.

Escola Industrial e Comercial «Francisco de Holanda»

Efectuou-se na quinta feira à noite, neste estabelecimento de ensino, com a costumada solenidade e perante numerosa assistência, entre a qual se viam os professores e alunos bem como famílias dêstes, a sessão solene inaugural do novo ano lectivo.

Presidiu à sessão o sr. dr. Augusto Ferreira da Cunha, Ilustre Vereador da Cultura, secretariado pelos professores srs. drs. Fernando de Matos Chaves e João de Oliveira Bastos.

Aberta a sessão usou da palavra o ilustre professor sr. Mário de Sousa Menezes que pronunciou um breve mas brilhante discurso, falando sôbre o significado daquela modesta solenidade e pôs em destaque o importante papel desempenhado pelas Escolas Técnicas que considerou de factores valiosos, para o desenvolvimento económico de qualquer País.

O orador, ao terminar, dirigiu um sentido apêlo ao digno representante da Câmara Municipal, no sentido de sua ex.ª conseguir um subsidio destinado ao pagamento de matrículas de alguns alunos pobres, atendendo a que a Caixa Escolar se vê impossibilitada de beneficiar muitos dos interessados, por não ter os necessários recursos para o fazer.

Por último falou o sr. dr. Ferreira da Cunha que começou por agradecer as palavras que lhe foram dirigidas pelo professor sr. Mário Menezes, prometendo interessar-se, junto dos seus ex.mos colegas da Câmara Municipal, pela concessão de um subsídio destinado às matrículas dos alunos pobres.

S. ex.ª fêz depois algumas breves mas interessantes considerações àcêrca das vantagens das Escolas Técnicas e louvou a acção do professorado daquele estabelecimento de ensino, referindo-se ainda, em palavras repassadas de saüdade à memória do falecido professor dr. Fernando Gilberto Pereira.

Seguidamente procedeu-se à distribuição dos prémios pecuniários da Câmara Municipal e da Junta da Província do Minho e bem assim de menções honrosas e vários salários.

Receberam o prémio pecuniário «Gil Vicente» — 50$00 — da Câmara Municipal, os alunos: João Machado e Guilherme de Oliveira Vaz, do Curso Industrial; Joaquina da Costa e Silva e Domingos Machado, do Curso Comercial.

O prémio da Junta da Provincia do Minho (antiga Junta Geral do Distrito) — 300$00 — foi conferido aos alunos José Machado e Georgina de Barros Silva, aquele do Curso Comercial e esta do Curso Industrial.

Falecimento

Na Casa da Cantonha finou-se ontem, contando 66 anos de idade, a sr.ª D. Adelaide de Sousa Almeida, irmã da sr.ª D. Maria de Sousa Almeida Lima, cunhada do importante industrial e nosso prezado amigo sr. António José Pereira de Lima, vice-presidente da Câmara Municipal e tia dos também nossos amigos srs. António de Sousa Lima e José de Sousa Lima e da espôsa do nosso amigo e conceituado industrial, sr. António José Pereira Rodrigues.

O seu funeral realiza-se hoje, às 11 horas, saíndo o préstito fúnebre da Casa da Cantonha, freguesia de St.ª Marinha da Costa, para o Cemitério Municipal, em cuja capela será celebrada a missa do corpo presente.

A tôda a família enlutada apresentamos as nossas condolências.

Registo Civil

O movimento nesta Repartição durante o mês de Setembro foi o seguinte:

Nascimentos, 218; casamentos, 9 óbitos, 137.

Vida Associativa

No concurso levado a efeito para o lugar de cartorário da Associação Fúnebre Familiar Operária Vimaranense, ficaram classificados em primeiro e segundo lugares, respectivamente, os srs. José Ribeiro Jorge e Simão Neves, e em terceiro o snr. António da Cunha Sampaio, tendo sido já chamado ao serviço o primeiro classificado.

O júri que procedeu à classificação era composto pelos hábeis guarda-livros srs. Oscar Avelino Pires, Manuel Alves de Oliveira e Manuel Fernandes de Oliveira e Castro.

Movimento Associativo

Em eleição do grupo recreativo «20 Arautos de D. Afonso Henriques» foram eleitos para a nova direcção os srs.: José Gualberto de Freitas, presidente; José Gonçalves, secretário e Domingos Alves Machado, tesoureiro.

Convocação anulada

Fica sem efeito a convocação dos sargentos milicianos, Sebastião Graça de Almeida e Alfredo da Costa Lameiras, por terem mais de 35 anos de idade.

Comemoração do 5 de Outubro

Comemorando a data da implantação da República, nos edifícios públicos foi hasteada a bandeira nacional, e ao meio dia e à noite ecoaram no espaço, salvas de morteiros.

Pelo Desemprêgo

A autoridade Administrativa enviou aos párocos das freguesias dêste concelho uma circular, solicitando-lhes com a possível brevidade uma relação de que constem os nomes, profissões, idades, estado, dos chefes de família desempregados e número de pessoas a seu cargo, elementos estes necessários para a urgente organização do cadastro de desempregados.

Liceu de Martins Sarmento

Com a costumada solenidade realizou-se a abertura das aulas nêste estabelecimento de ensino tendo presidido ao acto o sr. António José Pereira de Lima, vice-presidente da Câmara, secretariado pelo reitor do Liceu e pelo professor sr. dr. Dias Pinheiro.

Assistiram os professores e alunos e discursaram o reitor e a professora de canto coral sr.ª D. Clotilde Duarte Sequeira Ramos.

Procedeu-se, seguidamente, à distribuição dos prémios aos seguintes alunos:

Rodrigo José dos Santos Sousa Felix, 300$00 da Junta Geral da Província do Minho; Jorge Augusto Trancoso Vaz, 100$00 da Câmara Municipal de Guimarãis; Ana Maria Flores de Matos Chaves, prémio «Dr. Manuel Pimenta» 80$60; Maria Carolina Leite da Silva, prémio da Câmara Municipal de Guimarãis, 50$.

Prémios em livros (Câmara Municipal de Guimarãis):

1.º ano — Aida de Oliveira; 2.º ano — Maria José Leite da Silva, Maria do Carmo Pereira da Cunha e Castro e Alberto Lobato Braga; 3.º ano — Maria do Céu Trancoso Pôças Falcão, João Manuel Loureiro Moreira, Aristides Américo de Araújo Pinheiro, José de Lemos Sampaio, Jorge Pinheiro de Magalhãis, Gonçalo Brandão Leite de Faria; 5.º ano — Zeromina Fernandes da Luz Martins, António Rodrigo de Araújo Pinheiro, Ricardo Mondina de Amorim e José Brandão Leite de Faria.

Encerrou a sessão o representante da Câmara Municipal, sr. António José Pereira de Lima.

Matadouros

Nos Matadouros dêste concelho houve, no mês de Setembro, o seguinte movimento:

Guimarãis — Abateram-se 68 bois, 210 vitelas, 68 suínos e 305 caprinos.

Vizela — idem: 25 bois, 68 vitelas, 20 suinos e 122 caprinos.

Taipas — idem: 14 bois, 24 vitelas, 12 suínos e 228 caprinos.

Fora dos Matadouros foram abatidos 18 suínos.

Boletim Elegante

Partidas e chegadas

Com sua família regressou de Pico de Regalados o nosso prezado amigo e distinto professor da Escola Industrial e Comercial "Francisco de Holanda", sr. Mário de Sousa Menezes.

— De Vinhais regressou a Coimbra, onde é distinto professor liceal, o nosso bom amigo sr. dr. Manuel José Ferreira da Costa.

— Com sua espôsa regressou da Póvoa de Varzim o nosso bom amigo sr. dr. Serafim Ferreira de Oliveira.

— Partiu para Coimbra, a-fim-de tratar da sua saúde, o nosso amigo sr. dr. Jerónimo Rocha.

— Com suas famílias regressaram da Póvoa de Varzim os também nossos amigos srs. Domingos Alves Machado e Adriano Sampaio Abreu.

— Encontra-se em casa de seu filho, em V. N. de Gaia, a espôsa do nosso prezado amigo sr. António Luiz da Silva Dantas.

— Com sua família regressou de Vila do Conde à sua casa de Caneiros o nosso bom amigo sr. Major Alberto Margaride.

— Partiram com suas famílias para a Póvoa de Varzim os srs. dr. Carlos Saraiva e Luiz Gonzaga F. de Carvalho.

— Regressou das suas propriedades do Souto a esta cidade, acompanhado de sua família, o distinto advogado e nosso prezado amigo sr. dr. António do Amaral.

— Das suas propriedades de Baiôna, Taipas e acompanhado de sua espôsa, regressou a esta cidade o nosso prezado amigo e distinto clinico sr. dr. Alfredo Peixoto.

— Partiu para Lisboa em viagem comercial o nosso bom amigo sr. António Silva.

— Regressou com sua familia da Póvoa de Varzim o nosso prezado amigo sr. Anibal Dias Pereira.

— Partiu há dias para o Rio de Janeiro o nosso conterrâneo sr. Hernâni Pereira Ferraz, filho do nosso prezado amigo e estimado proprietário em Corvite, sr. António Pereira Ferraz. Desejamos-lhe boa viagem.

— Regressou com sua familia da Serra da Estrêla o estimado chefe dos Correios e Telégrafos, sr. Julião Carneiro da Silva.

— Acompanhada de seu filho regressou a Lisboa a ex.ma sr.ª D. Carolina Teixeira Pereira.

Condes do Paço de Vitorino

Retiraram da sua Quinta de Baixo, Vilar de Andorinho, Gaia, para o seu lindo solar de Paço de Vitorino, Ponte do Lima, os srs. Condes do Paço de Vitorino e filhos Dom Pedro, Paço de Vitorino e Visconde de Cortegaça.

Houve há dias grande manifestação de regosijo no Paço de Vitorino, por seu filho mais velho, Dom Pedro Paço de Vitorino ter tido êxito feliz no seu exame, dando aos pais, como ao filho, os nossos parabéns.

Aniversários natalícios

Passa no próximo dia 15 o aniversário natalício do nosso querido amigo e distinto colaborador, sr. Luiz Filipe Gonçalves Coelho, inteligente professor das Salas de Estudo "Gil Vicente" e que à causa do desporto tem prestado também valiosos serviços.

O "Notícias de Guimarãis" felicita-o, antecipadamente, abraçando-o e desejando-lhe as maiores prosperidades, de que é digno.

— Passa hoje o aniversário natalício do nosso prezado amigo e conterrâneo, sr. Francisco Raimundo de Sousa Guise.

— Amanhã, dia 10, faz anos o também nosso prezado amigo e conterrâneo, sr. dr. António Rodrigues da Rocha, a quem, igualmente, felicitamos.

Doentes

Vimos já completamente restabelecido o nosso bom amigo e considerado proprietário sr. António Pereira Ferraz.

— Encontra-se em convalescença o nosso prezado amigo sr. Joaquim de Sousa Dias.

— Também tem experimentado sensíveis melhoras o nosso prezado amigo e conceituado industrial sr. José Fernandes Guimarãis.

— Tem também experimentado algumas melhoras o nosso bom amigo sr. Carlos Ferreira Martins.

— Continua doente o nosso prezado amigo sr. José da Silva Guimarãis, antigo e conceituado comerciante.

Nascimento

Teve a sua dèlivrance, *dando à luz uma criança do sexo masculino, a espôsa do nosso prezado amigo sr. dr. João Faria Martins. Parabéns.*

Casamento

No passado dia 29 de Setembro, realizou-se em Lisboa, na Paroquial Igreja da Basílica da Estrêla, sendo celebrante o Reverendo Prior Dr. Marques, o enlace matrimonial da Senhora D. Maria Graciette de Oliveira Soares Pinto, gentil filha da Sr.ª D. Belmira do Carmo de Oliveira Soares Pinto e do Snr. Raúl da Cruz Soares Pinto, com o nosso prezado conterrâneo e amigo snr. João do Couto Salgado Júnior, funcionário da Federação Nacional dos Industriais de Moagem, e filho do nosso prezado amigo snr. João do Couto Salgado.

Foram padrinhos por parte da noiva, sua tia a Sr.ª D. Maria das Dôres de Oliveira David e seu pai o snr. Raúl da Cruz Soares Pinto e por parte do noivo a Sr.ª D. Belmira do Carmo de Oliveira Soares Pinto e o Snr. José Martins Gonçalves.

Finda a cerimónia religiosa, durante a qual a Sr.ª D. Maria Justina Lopes Pereira, Cantou a Avé Maria de *Shubert*, foi servido na residência dos pais da noiva, às Janelas Verdes, um finíssimo *lunch*, tendo os noivos a quem foi oferecido grande número de valiosas prendas, partido para Sintra em viagem de núpcias.

De entre os numerosos convidados, encontravam-se os seguintes cavalheiros e senhoras:

Coronel José Miguel Godinho, José de Oliveira David e esposa, José Martinho Gonçalves e esposa, José Caetano de Oliveira, Dr. Manuel Fernandes Vargas e esposa, João do Couto Salgado e esposa, Julião Quintinha, Emídio Dias Pereira, D. Eulália Couto, D. Maria Gusmão, D. Matilde Simões Nunes e filhas, José António Gonçalves e esposa, Dr. Ricardo Simões Nunes e filhas, José António Gonçalves e esposa, Dr. Ricardo Simões Nunes, António Gonçalves e esposa, D. Ilda Manuel de Moura, António A. Camacho Gonçalves, Adelino Costa, esposa e filha, Mário Pinto Pacheco, D. Sára Faveiro, José de Oliveira e esposa, D. Engrácia de Oliveira, Alvaro de Mascarenhas Azevedo e esposa, D. Felismina de Oliveira, Carlos Campos e esposa, Bernardino Machado Pereira e esposa, D. Leontina Fragozo, D. Irene de Figueiredo, Augusto Alfredo Senos, Raúl Jorge Guedes Rodrigues, etc.

Aos noivos desejamos as maiores felicidades.

Agradecimento

Adriano de Sá, morador na Rua de Val-de-Donas, desta cidade, vem por êste meio e sem querer ferir a modéstia do ilustre clinico sr. dr. José Maria de Castro Ferreira, residente na Rua de Francisco Agra, cumprir o grato dever de patentear pùblicamente a sua gratidão e reconhecimento, pelo carinho, zêlo e proficiência com que sua ex.ª tratou uma sua filhinha que lutava com uma pertinaz e grave enfermidade, faculdades essas que sua ex.ª havia revelado já, anteriormente, acompanhando uma grave enfermidade de sua espôsa.

Guimarãis, 5 de Outubro de 1938.

Adriano de Sá.

Cadela Perdeu se uma cadela de côr amarela que dá pelo nome de Nisa, nos fundos do monte de Santo Antonino, ao lado de Fareja.

Pede se o favor de quem a encontrar de a entregar ao seu dono, sr. José da Costa, Covas-Guimarãis.

Procede-se a todo o tempo contra quem a retiver. (157)

desporto

"GIRO DO AVE"

O Club Recreativo do Pevidém, organismo desportivo cuja actividade é digna de incentivo e aplauso, tomou a iniciativa do «*Giro do Ave*», prova ciclista que se realizou no passado domingo, 2 do corrente, com inscrição aberta a «amadores seniors». Não foram em número avultado os concorrentes, mas isso não tirou interêsse à prova que foi disputada com valor apreciável pelos que compareceram, a maior parte dêles revelando qualidades.

Para a população do Pevidém foi um acontecimento. Centenas de pessoas, entre as quais muitas senhoras, assistiram à partida e aguardaram a chegada com verdadeiro interêsse. Pelo percurso, especialmente até Famalicão e dêsde a entrada no concelho de Guimarãis, muitos grupos saüdaram entusiàsticamente os corredores. Dêste modo, a simpática iniciativa teve, por parte do público, um acolhimento que certamente irá encorajar os seus promotores para novos cometimentos.

Alinharam à partida 12 corredores, representando a U. Ciclista de Ardegãis, o Sindicato Nac. dos Empregados do Comércio, o C. Recreativo do Pevidém, o Castelo da Maia, o Club Maria da Fonte e o Vitória de Guimarãis. Antes de dar o sinal de início, o snr. Adão de Castro, digno presidente do Club organizador, proferiu algumas palavras, dirigidas aos concorrentes, salientando os objectivos da prova e fazendo votos por que ela decorresse a dentro das mais elevadas normas do desporto.

Aplaudidos frenèticamente pela numerosa assistência, os corredores, às 14,20 iniciaram a caminhada, seguindo em pelotão e em marcha moderada, de verdadeiro passeio, até cêrca de Ronfe. Aqui, embora ainda em pelotão, e com um pequeno atrazo, logo recuperado do concorrente n.º 12, a média aumentou sensìvelmente e manteve-se por volta dos 25 k. até Vermoim e Requião. Em Compostela e Cruz do Pêlo, os concorrentes aceleraram a velocidade, mas não se distanciaram uns dos outros de modo a poder-se prognosticar qual dêles passaria em primeiro lugar Famalicão. Nesta vila a ordem da passagem foi: n.os 3 (Macieira), 8, 2, 9, 7, 10, 5 (colados) e 11, 6, 12 e 1, perseguindo aquêles de perto.

A seguir, a prova entra em diferente fase, e assim, um pouco adiante de Nine, os n.os 9, 7, 8, do Ardegãis, levavam já diantcira destacada sôbre o segundo pelotão, composto de 4 unidades. O último é, nesta altura, o n.º 12, do Maria da Fonte. A 13 quilómetros de Braga a èquipe do Ardegãis estava distanciada do 2.º pelotão algumas centenas de metros, indo a fazer a prova com notável regularidade. Em Braga aquela èquipe passou com mais de 3 minutos de adianto sôbre o segundo pelotão. No último lugar continuava o n.º 12.

Os de Ardegais fizeram a subida e descida da serra do Pinheiro tão ràpidamente que, ao passarem pela Póvoa de Lanhoso, levavam 8 minutos de vantagem sôbre os seus mais próximos adversários, vantagem que não perderam até final da prova, antes aumentaram, cortando a meta às 17,12, pela seguinte ordem: 1.º, Joaquim Lucas; 2.º, Domingos Maia; 3.º, António Alves de Sousa. Decorridos 12 minutos chegou: 4.º João Rodrigues, do Sindicato Nac. dos Empregados do Comércio; 5.º Raúl de Abreu, do Club Recreativo do Pevidém; 6.º António Alves Macieira, do Vitória de Guimarãis; 7.º José Maria da Costa (Duque), do Club Recreativo do Pevidém, um minuto depois; 8.º Belmiro de Oliveira, do Castelo da Maia; 9.º Domingos Teixeira Lutas e 10.º Perfeito Guimarãis, ambos do Maria da Fonte.

Os três primeiros classificados fizeram uma prova tanto mais digna de encómios quanto é certo que não tiveram adversários que os apertassem, pois, como ficou relatado, ultrapassada Famalicão, destacaram-se e foram, até final, aumentando a distância que os separava dos restantes. Numa prova de 90 k., 12 minutos de diferença é coisa de-veras significativa, embora não deva deixar de se ter em conta que os outros concorrentes não têm a prática daquêles. O contacto com corredores experimentados lhes apurará as qualidades que indesmentivelmente revelaram.

Não nos consente o minguado espaço de que dispomos maior referência a esta prova que nos deixou as melhores impressões. Salientaremos, porém, o comportamento brioso do corredor Raúl Castro, do Pevidém, que se despedia das práticas ciclistas, e que, pouco feliz, soube recuperar de modo a obter classificação meritória, e o do corredor Macieira, do Vitória, que, embora não estando brilhante, fez figura muito decente, se atendermos a que efectuou o percurso inteiramente desajudado.

Ao Club organizador da prova, na pessoa do Snr. João de Castro, que foi de cativante gentileza para os representantes da imprensa e que foi também, de facto, o grande animador de tão proveitosa manifestação desportiva, os nossos sentidos agradecimentos e as nossas felicitações.

***

Desportista que abandona as lides

Pevidém, 6 — Inesperadamente, acaba de abandonar as lides desportivas o valoroso e popular ciclista do Club Recreativo do Pevidém, José Duque, o que causou grande admiração entre os seus inúmeros adeptos e amigos.

Este corredor, que é um modêlo de correcção e um desportista perfeito, foi um dos que maiores serviços prestou ao Club, que sempre defendeu com honra e galhardia durante trez épocas, conquistando em tôdas as provas que disputou uma classificação honrosa, como se poderá verificar pela nota que se segue:

2.º, nas Caldas das Taipas; 3.º, em Esporões; 2.º, em Santa Maria de Airão; 1.º, em Guimarãis; 1.º, idem; 4.º, na «I Volta de Campelos»; 1.º, no «Circuito das Caldas da Saúde»; 4.º, na «II Volta de Campelos»; 2.º, no «Pevidém-Póvoa de Lanhoso-Pevidém»; 1.º, nas Caldas das Taipas (pista); 3.º, no «Circuito da Póvoa de Lanhoso»; 2.º, nas «8 Voltas de Gondomar»; 9.º, no «X Giro do Minho»; 7.º, no «I Giro do Ave».

Lamentamos, apenas, que, um elemento que prometia ir longe na velocipédia nacional, abandone tão novo a sua carreira, pois conta apenas 21 anos, perdendo assim o Club Recreativo do Pevidém, senão o seu melhor representante, pelo menos aquele que com mais ardor e coragem defendeu as suas côres que nunca abandonou, apezar de várias vezes ser instigado para tal, por elementos de várias colectividades nortenhas, o que sempre repeliu pelo amôr sincero que dedicava à camisola «azul-branca».

Exemplos dêstes, que nos tempos actuais deficilmente se notam no desporto, só dignificam e honram quem os pratica.

Apresentamos, pois, os nossos cordeais cumprimentos de despedida ao referido corredor que, jàmais será esquecido dos desportistas do Pevidém, desejando lhe uma vida cheia de venturas e felicidades. — *E.*

Casa dos Pobres

Movimento durante o mês de Setembro de 1938:

Subsídios em dinheiro a 184 pobres, 4.440$00.

Subsídios em dinheiro para renda de cass a 148 pobres, 2.458$50.

Albergue — Pernoitaram, 127.

Subsídio para transporte aos Inválidos, escudos 23$80.

Refeições fornecidas a Pobres — Sôpa, 10.525; Pãis, 10.525; Pratos, 2.505; Copos de vinho, 295.

Barbearia — Barbas, 452; Corte de cabelos, 135.

Balneário — Banhos, 281; com despiolhamento, 2.

Vestuário fornecido — Casacos, 3; Blusas, 4; Calças, 3; Saias, 3; Camisas, 6; Colchões, 0; Ceroulas, 0; Vestidos, 1.

Cozinha Económica — Refeições fornecidas a operários — Sopas, 1.098; Pãis, 2.379; Pratos, 2.943; Copos de vinho, 1.354.

Refeições fornecidas aos presos da Cadeia, 832.

Refeições fornecidas aos presos da Esquadra, 90,5.

Lactário Municipal, anexo à Casa dos Pobres — Crianças que transitaram do mês de Agôsto, 21; Terminaram o aleitamento, 0; Faleceram, 1; Desistiu, 0; Leite consumido, 405 litros; Admitidas, 1.

Donativos recebidos — Luiz Cardoso M. M. Macedo, 1/2 pipa de vinho; D. Rosa Tavares Ferreira, 20$00; P.e Domingos da Silva Gonçalves, 150$; P.e Augusto José Borges de Sá, 500$.

CASA — Vende-se uma morada de casas, sita na rua de D. João I, pertencente a Gaspar da Silva Guimarãis, n.os 156-158.

Recebe propostas o seu proprietário. (154)

Mato — Vende-se uma partida grande e também se fracciona.

Vêr e tratar às terças, sextas e domingos, até ao meio dia, em Tarrio — S. Cristóvão da Abação. (155)

Do CONCELHO

Pevidém, 6 — Realizou-se no domingo, em Gondar, uma grande festividade em honra de Nossa Senhora do Rosário, a qual esteve muito concorrida, tendo a abrilhantá-la a afamada Banda do Pevidém.

— Na freguesia do Paraíso, anexa à de S. Jorge de Selho, realiza-se no dia 16 uma imponente festividade em honra de Nossa Senhora do Leite.

— Continuam sendo muito necessárias as obras da ponte de pau que liga os Moínhos Velhos, de S. Cristóvão de Selho, ao lugar do Sumes de Cima. Para tal fim, chamamos a atenção da Junta de Freguesia de S. Cristóvão de Selho para que mande, sem perda de tempo, repará-la, evitando assim que surjam desastres, porque é um caminho que tem bastante movimento, pois por ela se servem todos os operários que vão para os seus trabalhos e além disso crianças que ali andam.

O NOTÍCIAS DO EDIPISTA

Secção Charadística dirigida por *Lusbel*

Resultados do n.º 4—1.ª Série

PRODUTORES:

Quadro de distinção

A'dê (9 votos)

Outras votações: — Doralvas, 4; Dr. X., Don Zé Franuli e Odracir, 2 votos cada.

DECIFRADORES:

Quadro de Honra

(Pontos a decifrar: 9)

Délia, Dr. X., Don Zé Franuli, A'dê, Doralvas, Quico, José do Canto, Mata-tudo, Odracir, Psole, Vaniloquo e A. L. C.

Totalistas.

Quadro de Mérito

Dropê, Negus Veiga, Pescarias, Raz Ferjobatos, Rei Viola e Rotie — 7; P. de Inkin — 5.

Soluções

1 — Avezar-azar; 2 — peixota-peita; 3 — pupila-pula; 4 — método-mêdo; 5 — Arminho; 6 — **anulada**; 7 — girafa; 8 — jornalista; 9 — eco-coar = ecoar; 10 — como-moro = Cômoro.

1.ª Série Charadismo N.º 7

Charada em verso

1) — Bote-me aqui na *tigela* — 2
Mais um pouquinho de caldo.
(Dizia, sem mais aquela
Para a mãi, o Reginaldo).

— Eu?! Dar-te mais caldo, *a ti?* — 1
Meu grandíssimo ralaço!
Fora já! Fora de aqui
Que te torço êsse cachaço!

Já o sol era *nascido* — 2
E tu na cama a roncar!
Mais caldo, então?, meu bandido!
Trata já de ir trabalhar.

Quero que fique *ligado*
O trigo todo, primeiro;
Senão... p'ra ficar's jantado...
Tenho ali um marmeleiro...

Lisboa. *Zé da Ponte* (T. E.).

Novíssimas

2) «Mulher»: *não* bebas *água-pé.* — 3-1.

Guimarãis. *Délia.*

3) Tenho *pena* de todo o *espírito que dorme.* — 1-2.

Guimarãis. *Don Zé Franuli.*

4) O «*número*» do *recluso* é fatídico. Que *desconsideração!* — 1-2.

Gonça. *Dr. Asneira.*

(A' confrade *Délia,* agradecendo)

5) *Para* se *habituar* a ter paciência, veja se esta palavra também significa *ter dinheiro.* — 1-2.

Guimarãis. *Dr. X.*

6) Este *enrêdo* é *único* e *intrincado.* — 3-1

Guimarãis. *Mata-tudo.*

7) A *habilidade, aqui,* tem o nome de *artimanha.* — 3-1.

Lisboa. *Rei Viola* (T. E.).

Meflstofélicas

8) A *planta graminea* que viste no *templo* é parecida com o *canhamo.* — (2-2) 3.

Guimarãis. *A'dê.*

9) O *objecto* caíu num *rio português.* Foi depois procurado com aversão. — (2-2) 3.

Guimarãis. *Psole.*

10) Áquêle *génio* é tão *simples* qualquer assunto, que o *expôi metòdicamente.* — (2-2) 3.

Guimarãis. *Quico.*

Sincopadas

11) O bem *que se oculta* é o mais *querido.* — 3-2.

Lisboa. *Negus Veiga* (T. E. e Abexins).

(Ao *Dr. X.*, com um abraço)

12) Na verdade, o *relógio* de S. Pedro tem uma linda *cantiga.* — 3-2.

Guimarãis. *P. de Inkin.*

13) *Surpresa* de *feiticeira!* — 3-2.

Polvoreira. *Reirobi* (L. A. C.).

Eléctricas

14) Confrades: *preferem* a *colina* ou a serra, para passarem as férias? — 2.

Pôrto. *A. L. C.*

15) Qual é o *fruto* que tem *perfume?* — 3.

Guimarãis. *Vaniloquo.*

O praso para a entrega das decifrações, é de 15 dias após a saída de cada número, devendo cada decifrador mencionar na lista de soluções o seu pseudónimo e enderêço e qual o trabalho mais simples ou perfeito, bastando para tal, sublinhar a respectiva solução.

Admitimos qualquer espécie de charadas mas simples e originais, feitas cada uma no seu bocado de papel, assinadas com o pseudónimo e enderêço do autor, e indicando o dicionário onde são verificáveis.

Correio da Secção

Zé da Ponte (Lisboa): — Seja benvindo o grande amigo e fervoroso Tertuliano. A sua magnífica colaboração vem valorizar «O Notícias do Edipista» e honrar o seu modesto director.

Quando envia mais produções?

Ao ilustre charadista, apresenta *Lusbel* efusivos cumprimentos.

Pescarias (Lisboa): — Tencionamos realmente organizar um «Torneio Charadístico». Talvez principie com a 3.ª série.

Entretanto, agradeço a sua gentil oferta, prontificando-se a angariar alguns prémios. Mais uma vez demonstra o seu muito apreço por esta modesta Secção.

Cumprimentos à «Confradaria».

Reirobi: — Quando aparece a nova Edipista?

Será recebida com prazer.

A. L. C. (Pôrto): — Nada tem a pagar. Mande sempre. Pode enviar, porque verso tenho pouca coisa. Como produtor couberam-me 12 garrafas de vinho Colares (7.º prémio na classificação geral). Como decifrador totalista, já sei que me saíu no sorteio a obra «Salazar» de A. Ferro. Obrigado por tudo. Cumprimentos.

LÊDE E ASSINAI O NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

Coisas... desagradáveis

Ver *batalhões* de cântaros perfilados junto dos fontenários, durante muitas horas, à espera da preciosa linfa...

— Saber da existência de indivíduos que só estão bem a fazer mal...

— Ver ali no Proposto o estado lastimoso em que se encontra aquele muro que segura um dos ângulos do campo de Benlhevai. Até parece a fazer pouco...

— Ser bem intencionado e não ser compreendido...

— Apreciar a *óptima* qualidade de pão de trigo que se está consumindo na cidade. A qualidade e o tamanho. Alguns *bijouts* parecem bolinhos de bacalhau. Irra, que atrevimento...

— Ser soldado, ter de dar o corpo ao manifesto, e ouvir certos sujeitos trôpegos e gastos fazerem a apologia da guerra. ¡Quem os mobilizasse!...

— Ir ao cinema e trazer de lá, agarradas às pernas, *parasitas-bailarinas*...

— Ser director de um club de futebol, estar a contar com o concurso de certo jogador que tem recebido benefícios largos, e o sujeito que é mestre em *gabiruzices*, deixar-se raptar *cândidamente*, esquecendo todos os compromissos que havia tomado e os sacrifícios que por êle foram feitos.

— Ver aproximar-se o frio e ter o sobretudo gasto...

Belgatour.

O PREÇO DA CARNE

Os negociantes de carnes verdes desta cidade apresentaram à Câmara Municipal, para aprovação a seguinte nova tabela dos preços de carnes, no Concelho de Guimarãis:

	c/ osso	s/ osso
Lombo		12$00
Vasio e lingua	8$00	11$00
Carne de 1.ª		
Rabada, Pósta Falsa, Picadouro, Pá do Meio e Sernelha tenra	8$00	10$00
Carne de 2.ª		
Sobrepeito, Capa, Oculo, Nispo e Sernelha dura	6$00	8$00
Carne de 3.ª		
Peito e Ilhada	4$00	6$00
Rilada		3$00
Gorduras (aparas)		4$00
Ossos	1$60	
Vitela		
Costeletas e perna inteira	10$00	
Vitela de 1.ª	9$00	11$00
Vitela de 2.ª	7$00	9$00
Vitela de 3.ª	5$00	7$00

JOSÉ PINTO RODRIGUES
ADVOGADO
(no escritório do Ex.mo Sr. Dr. António do Amaral)
Das 11 às 13 e das 14 às 17 horas.

O consumo da água

E' um pavor o que se passa com o consumo da água durante os mêses em que ela mais falta. Este ano, então, em que tem sido muito menos do que em qualquer outro, devido à prolongada estiagem que houve, os contadores acusam um consumo por aí além, visto que a pressão do ar os faz andar em *primeira velocidade.* Quem, por exemplo, em tempo de abundância de água consumiu 2 metros cúbicos por mês, êsse consumo passou a ser 20 vezes maior, pelo menos, resultando disso o inconveniente do consumidor pagar 20 vezes mais — esta percentagem é calculada muito por baixo — ou ter de andar de chapéu na mão a mendigar o favor de lhe ser feito o respectivo desconto.

Como cada qual tem a sua vida e nem sempre encontra tempo disponivel para andar a passear para a Câmara a fim-de tratar dêsse assunto, é de justiça que o sr. Presidente, que é pessoa que não quere o prejuízo de ninguém, tome providências nêsse sentido, ordenando que os consumidores paguem, durante o tempo em que a água falta, uma média do que pagaram nos mêses normais, tomando como base, por exemplo, os mêses de Janeiro a Julho. Mesmo assim há prejuízo para os consumidores, mas relativamente pequeno, e que, portanto, não vale a pena questioná-lo. O que não pode ser, de forma alguma, é obrigar a pagar os efeitos do ar. E de resto, seria um absurdo conceber-se um aumento grande do consumo da água, exactamente quando a não há e quando está fechada a maior parte do dia e da noite. Oxalá que não haja necessidade de protestar mais um ano contra a pressão do ar, porque será uma das provas de que se encontra resolvido o abastecimento de água, problema de grande importância sob variados pontos de vista.

As conseqüências da falta de água, em qualquer terra, são terríveis, como, infelizmente, está bem demonstrado.

Um consumidor.

Dos Livros. Dos Jornais.

«Humanidade» — SUMÁRIO do n.º 78: *Basta de comunismo,* por Tomás Ribeiro Colaço — *O Regresso do sr. Ministro das Colónias — No Deserto de Kalahari,* por Salinas de Moura — *Documentário — Mossâmedes e a sua vida económica — Carta aberta a um cataclismo... «cósmico»,* por Tomás Ribeiro Colaço — *Onde passa Lisboa aos Domingos?* (Reportagem) — *Em Cabo Verde — Carta da Guiné — Regresso à Cidade — Vida Metropolitana — Vida Ultramarina — Desportos — Conhecimentos médicos — Domingos Tarrozo, grande filósofo português* — Página Gráfica, etc., etc.

O amor à Terra e à Grei — eis o nosso lema.

Curiosidades

A rosa é a flor mais antiga que figura na história. E' mencionada nos hieroglifos egícios, nas mais antigas legendas gregas, em outros documentos orientais e na primitiva literatura persa.

Cleopatra e Nero gastavam o equivalente romano a muitos contos de reis em rosas, cujas pétalas, eram utilizadas para cobrir o soalho de seus palácios e para «chover» sôbre os convivas, nos banquetes.

Essa flor é universal: floresce até na Sibéria, Groenlandia, Spitzberg, durante o breve verão ártico.

Qual a razão porque os naturais da ilha de Creta pintavam Jupiter sem orelhas? Apenas como um símbolo, em que era tão fertil a gente antiga. Queriam êles dizer com isso que os gregos não deviam dar crédito a tudo o que ouvissem.

Qual o menor dos oradores? Aí está uma pregunta que poucos saberão responder à queima roupa. O menor dos oradores foi oradora. Chamava-se Rosa Viterbo, e, aos nove anos de idade, com os seus discursos, percorria as ruas da sua cidade natal sublevando o povo contra Frederico II.

Os exploradores de ouro do Alaska são forçados a suportar temperaturas frigidíssimas, e, no inverno, não podem viajar sem levar óculos porque ali a neve cai em flocos tam finos que parecem farinha, mas com arestas pétreas que podem furar os olhos.

Antigamente, em Londres, as mulheres não podiam representar no teatro; os homens, mascarados, faziam os papeis femeninos. Certo dia, o rei Carlos II impacientava-se com a demora do espectáculo. O director, então, veio desculpar-se:

— Sire, a rainha ainda se está a barbear.

A linguagem dos homens nasceu do latido dos cãis? Sim. Existe na Sumatra um povo cujos homens latem, como serenamente latia o «Fiel» de Junqueiro. São os Orango-Cubus. Eles possuem uma língua que só conhece algumas dúzias de sons primitivos. E, além disso, não tem concepções religiosas, em nada crêem, e nada sabem da morte. Não possuem cerimónia de sepultamento e, quando um dêles morre, deixam-no ficar onde está. Quanta felicidade!...

No Sião, quando os devedores deixam transcorrer seis mêses sem pagar suas dívidas, os crèdores podem apoderar-se dêles e obrigá-los a trabalhar em seu proveito. Se o devedor foge, sua mulher e seus filhos permanecem nessa espécie de escravidão até que se tenha cancelado o débito.

Acarinhar Guimarãis é dever de todos os seus filhos.

FALECIMENTOS e SUFRÁGIOS

Contando 44 anos de idade, finou-se na freguesia de Serzedo, de que era pároco, o rev. José Peixoto Teixeira, natural de Braga. O seu funeral, que foi muito concorrido, efectuou-se na quarta-feira, de manhã, na referida freguesia.

— Na sua residência à rua de S Dâmaso, desta cidade, finou-se na terça feira, com 73 anos de idade, o proprietário sr. Zeferino José Ribeiro Cardoso, que em seu testamento contemplou a Santa Casa da Misericórdia, as V. O. T. de S. Francisco e S. Domingos e outras instituições religiosas e beneficentes desta cidade, os Bombeiros Voluntários, etc.

O seu funeral realizou-se na quarta-feira, na igreja da Misericórdia, com a assistência das Mêsas da Santa Casa da Misericórdia e das V. O. T. de S. Francisco e S. Domingos, instituições de caridade e diversas pessoas das relações do extinto, após o que o cadáver foi conduzido com numeroso acompanhamento para o Cemitério Municipal.

— Na freguesia de Polvoreira, onde residia, finou-se há dias o negociante sr. Armindo Abreu, tendo-se realizado o seu funeral com bastante acompanhamento no domingo, na referida freguesia.

— Também se finou há dias, na V. O. T. de S. Francisco, o sr. Francisco Fernandes da Silva, cunhado da esposa do nosso amigo e proprietário sr. Francisco José Fernandes.

A's famílias enlutadas apresentamos as nossas condolências.

— No domingo, celebrou-se na igreja de S. Francisco, uma missa sufragando a alma do inditoso mancêbo Sebastião Fernandes, comemorando o 1.º aniversário da sua morte. Ao acto assistiram pessoas de família e alguns amigos do extinto.

BRASIL
Secção de Procuradoria da Casa Bancária
CUPERTINO DE MIRANDA & C.ª
SÉDE: — **Rua Sá da Bandeira, 56 — PORTO**

A mais perfeita organização de serviços de administração de bens em todos os Estados do Brasil. Compra e venda de prédios e papéis de crédito; cobranças de alugueis, juros e dividendos; hipotécas, inventários e liquidação de heranças.

Comissões extremamente reduzidas. — Transferências rápidas.

DELEGADOS EM: — Rio de Janeiro, São Paulo, Santos, Porto Alegre, Bahia, Pará, Pernambuco, etc. (133)

Nos Caminhos e no Coração da Penha

por LAURA LEMOS.

5 da manhã!... A vasta praça do Toural, envolta ainda nas sombras da noite e na neblina densa, das manhãs frias de Setembro, é sùbitamente despertada pela voz grave do pequeno carrilhão da basílica de S. Pedro. O ar é atravessado pelos compassos maviosos do Avé de Fátima, chamando ao som do bronze, os crentes, a matinas. Pouco depois toca para a missa.

Surgira finalmente, no ano de 1937, a manhã de 12 de Setembro, o dia grande e cheio, da tradicional peregrinação à Penha! Os peregrinos em bandos, acodem à voz do sino. Quantos terão vindo de longe, calcando aos pés a poeira infinda dos caminhos?! Nos rostos de todos espelha-se a alegria e no peito de cada um, o coração agita-se num movimento repassado de fé e devoção, que dos peitos lhes sobe aos lábios, em cânticos religiosos! A igreja está já repleta de fiéis. O ministro do Senhor, paramentado já, sobe ao altar e dá início ao Santo Sacrifício da Missa.

Por tôda a cidade sôa o badalar dos sinos, que nesta, naquela e noutra igrejas, chamam os peregrinos que a basílica de S. Pedro não pôde já conter e a todos proporciona o cumprimento do preceito dominical, a participação mistica, no Sacrificio do altar!... Momento a momento, os sacerdotes, dirigem-se para as mezas da comunhão. Perpassa por todos os lábios a mesma súplica: — Senhor eu não sou digno... e Jesus vai descendo aos corações de cada um, ateando crenças, cicatrizando chagas, escutando súplicas e enxugando lágrimas, acompanhado da voz dos seus ministros, que num sentimento todo paternal, vão repetindo a cada um dos seus filhos: "Corpus Domini nostri Jesu Christi custodiat animam tuam in vitam aeternam: Amen.„

A's 10 da manhã, já todo o povo se encontra aglomerado no campo da feira. Os peregrinos esperam a bênção do Prelado, para começarem a sua ascenção para a serra!... Tremulam ao vento, as bandeiras queridas das Juventudes Católicas e impõem-se à admiração de todos, os estandartes imponentes e artisticos, das variadissimas Irmandades e Associações Católicas, ali representadas. O povo comprime-se num silêncio, cheio de devoção!... O Senhor Bispo de Arena, chega finalmente a uma janela!... O seu olhar inteligente e vivo domina a multidão; um sorriso bondoso, entreabre-lhe os lábios e Sua Ex.ª Rev.ma eleva a mão direita, para traçar no espaço, o sinal da cruz!... O sol arranca reflexos dum roxo macerado à sombria ametista do seu anel episcopal e o povo tem talvez a sensação que é a mão trespassada de Cristo, chagada, roxa e dolorida, que deixa cair sôbre êle a sua bênção bendita!...

Organiza-se a procissão; principia o desfile que vai passar à praça do Toural e tomar um caminho oposto àquele em que deverá ser feita a carreira de caminhetas e automóveis para a serra da Penha.

Abrindo a procissão, numa atitude de profundo respeito, caminhando ao som das caixas, veem os Escuteiros uniformizados e os pequenos Lobitos, muitos senhores do seu papel, ostentando com orgulho as pequeninas bandeiras das respectivas alcateias. Seguem-se filhas de Maria, Apostolado da Oração, Marias do Sacrário e muitas, muitas outras Irmandades e Associações!... Há estandartes que são uma verdadeira maravilha!... E' impossivel contá-los: oitenta, noventa, mais de cem?!... Talvez; é muito possivel que o fôssem.

E' interminável a coluna de gente que forma a procissão e todos caminham com o mesmo respeito, a mesma devoção e igual recolhimento! — Passam vèlhinhas de olhar vago e triste, que vão talvez pedir à Virgem o descanso eterno daqueles que já partiram e a graça infinda duma santa morte. — Passam mulheres, mãis, irmãs ou espôsas, que vão pedir as bênçãos do céu, para si e para os seus. — Passam crianças, muitas crianças da "Cruzada Eucaristica„, que terão porventura a alma tão branca como a alvura do seu uniforme e que lá vão alegres e felizes oferecer a Jesus o pequenino coração que lhes palpita sob a cruz vermelha que lhes cobre o peito. — Passam homens de aspecto venerável e passa finalmente a mocidade católica, a mocidade minhota alistada nas Juventudes, os soldados benditos da Acção Católica, os guarda-avançadas, do exército de Cristo Rei!... Distinguem-se aqui e ali grupos de raparigas da J. C. F., uniformizadas, emblema ao peito e rostos sorridentes, na esperança vigorosa e boa de tornarem cristão "o nobre povo de Portugal!„ Vão ali representados vários organismos especializados; revela-no-lo a côr caracteristica de cada organismo, usada nas echarpes que cobrem as cabeças das raparigas. Caminham tôdas à sombra das suas bandeiras, onde se desenha a cruz do Condestável como preságio bendito de vitória!... São raparigas do campo, afeitas a trabalhos rudes, que talvez nunca tenham tido a iluminar-lhes o espírito a luz da instrução, mas cujas almas vivem bafejadas pela luz sagrada da graça divina!... São raparigas da classe superior, que se não deixam abismar na felicidade que o mundo e a sua condição lhe podem oferecer, porque as suas almas vivem enamoradas, duma felicidade maior e mais duradoura!... São raparigas do povo, pobres operárias, cujo barulho das fábricas, responsabilidades de escritório e mil afazeres diferentes, não as impedem de ouvir a mão de Deus bater-lhes ao coração!... São finalmente, numa palavra, as raparigas da Acção Católica, que "num só coração e numa só alma„, vivem unidas no mesmo ideal de reconquista cristã, na sêde bendita de "levar Jesus às almas e trazer as almas a Jesus!„

De quando em vez passam também grupos da J. C. M. São na sua maioria, certamente, operários e trabalhadores rurais. E' o Jocismo que passa!... E' a grande esperança de Cardyn tornada realidade, a J. O. C. nascida e criada à sombra das orações, das lágrimas de humilhação e sofrimento, do pobre padre de Lacken!... E' a J. O. C., a mocidade rural, que passa igualmente, lembrando e afirmando ali a tôda a gente que as mãos calejadas do trabalhador rural não o impede de ter uma alma delicada, criada como a nossa pelas mãos de Deus e que por essa razão êle tem direito a ser respeitado e tratado com atenção e carinho e não como escória da sociedade!...

O cortejo vai desfilando!... Numa manifestação de fé, a mocidade católica, Escuteiros, Juventudes e Cruzada Eucarística, os homens de amanhã, caminham dentro dêle fazendo lembrar nestes tempos de ódio e descrenças a alma da Pátria que se levanta para adorar aquele Deus que, nos campos de Ourique, legou a Portugal a Cruz de Cristo como fural bendito de vitória e conquista!...

A procissão entra na estrada e lá vai serra acima, até ao santuário da Virgem da Penha!... No caminho oposto as caminhetas e automóveis transportam passageiros que vão esperar, lá em cima a chegada da procissão. Sob os pneus a estrada desenrola-se, serpenteando serra acima, como uma escada mágica, de soberbo conto de fadas!... Lá em cima é já enorme a multidão que se acctovela na visita à capelinha da Virgem do Carmo feita sob penedos colossais, à gruta de Nossa Senhora de Lourdes e ao santuário da Penha, ainda em construção.

Perto do meio dia chega a procissão e o Senhor Bispo de Arena dá início ao Santo Sacrificio da Missa, na capela mor do santuário. O recinto que lhe fica em frente serve de nave ao templo, e a multidão densa dos cincoenta mil peregrinos que se encontram na Penha concentra-se ali, tendo por teto o céu dum azul muito transparente, onde só três ou quatro núvens vagueiam, hesitando no caminho a tomar para se perder no horizonte!...

(Continua).